ANO II — Lisboa—Terça-feira, 17 de Setembro, de 1918 — N.º 469

Policia e Policia

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Oriola, 134

Editor — João A. Santos

Telefone: C. 1033

A colonisação do Sul

Sapostas demonstradas as vantagens do latifundio—essa formula agraria que, sob suas aparencias desmesuradas, permite tirar o melhor rendimento da variedade da população e da insuficiencia technica dos metodos culturais—, é tempo de analisarmos o plano de certos economistas que, depois de tratarem agressivamente, na sua tendencia radical, aquela forma de propriedade, estabelecem a necessidade, como salvaterio essencial na nossa falencia, de incorporar no Sul, numa colonisação á grande, revolucionaria, o excesso demogenico que emigra actualmente no noroeste.

E' profundamente nacionalista este plano nas suas aparencias imediatas: nada mais nobre, com efeito, do que oferecer aos emigrantes que a Patria expulsa cada ano, que a Patria vende a preso, para deles mais tarde cobrar, sob a forma do *dinheiro do Brasil*, o seu preço, em metal sonante que serve para aguentar a nossa falencia, nada mais nobre como destino da nossa geração do que, reparando esse mal, oferecer a essa gente destinada ao porão dos navios e á tebre do Brasil lindas courelas de terra a fecundar para alegria sua e aproveitança da *Grey*.

Parece que nada mais seductor para o espirito integralista do que este programa!

Mas tão nefasto e perturbador é o espirito da economia individualista e radical que os intuitos nacionalistas de escritores como Basilio Teles e Ezequiel de Campos, quando desenvolvem seus projectos, são por eles atraiçoados, e resultam tendencias inaceitaveis porque, são radicais na sua origem, basciadas no ataque á grande propriedade, de que se exageram as responsabilidades e numa implicita aceitação dos principios da preparação socialista, radicais na sua trama porque revestem a exagerada forma de revolucionarios projectos a curtissimo prazo, com gigantescos movimentos de população, a larga expropriações, finalmente radicais no seu virtual desenlace porque desenham como ideal ultimo esses quadros de bucolismo falansterico, em que uma nova grei, vinda do Minho dos abades pela transplantação, rapidamente transformada na gente fecunda mais parecida com os tipos ideiais do anglo-saxonismo industrial, com laivos puritanos, á André Carnegie.

Parece-me exagerada a fórma como estes escritores trataram do latifundio e da colonisação, fórma com o vicio inicial do radicalismo, e portanto exagerada e desequilibrada e adaptando-se mal á realidade das nossas condições.

Na critica destes defeitos devemos começar por notar aquele que consiste em limitar ao Alemtejo a necessidade de colonização. Só para o Alemtejo e quando muito para a Beira Baixa olha a economia radical, autorizando-nos a pensar que se trata de uma ideia fixa baseada num odio sagrado e revolucionario ao landlord do Sul e á sua terra, ideia duplamente de guerra civil em que ao *Norte contra o Sul* se juntasse o lema socialista da revolta contra o feudalismo moderno dos que possuem.

Diremos que não fazendo questão do Minho, em que aliás importantes remodelações e aperfeiçoamentos fundiarios poderiam fazer-se, não podemos aceitar as razões que o sr. Ezequiel de Campos dá para que as regiões transmontanas sejam exceptuadas da necessidade de colonisação, que com tão alarmista urgencia se reclama para o Alemtejo e a Beira. Estas razões limitam-se a dizer que Trás-os-Montes está falto de gente, irrigação, arborisação, educação agricola e associativa, exactamente o que acontece no Alemtejo e de onde em concluiria exactamente pela necessidade da colonisação numa e noutra provincia.

Fica pois corrigido um defeito do conceito radical da colonisação: em vez de ser feita exclusivamente no Norte, contra o Sul, ela far-se-á em todas as regiões onde ha falta de gente, para melhor aproveitamento da terra, venha a demonstrar-se.

Basilio Teles chega a ameaçar o latifundiario do Sul, objecto de todos os seus anatemas, com não sei que insurreição da gente do Norte, para quando a terra lhes venha a faltar de todo, no seu incuravel crescimento demogenico!

Convem afirmar que tão utopico profetismo não tem a minima viabilidade: o pobre emigrante minhoto não tem a ideia fixa anti-latifundiaria do sr. Basilio Teles; e por isso mesmo preferirá sempre a emigração para o Brasil á problematica colonisação transtagana; e ainda se fosse possivel vir por aí abaixo, em ar de guerra, ou apenas impondo-se por intermedio das leis, encontraria no seu caminho o proletario do Sul, certamente feliz de reservar para si os latifundios expropriados.

Mais em contacto com as realidades pelas suas numerosas viagens e por uma orientação de espirito realista, que até se manifesta na complexidade superabundante da sua maneira de escrever, o sr. Ezequiel de Campos propõe a colonisação do Sul pela gente do Noroeste por um plano a executar pelo Estado de arranjo e construção, todos os anos, de um certo numero de colonias aldeiadas, sobre terra adquirida por expropriação, por opção nas vendas em hasta publica e pela opção da cobrança dos direitos de transmissão em terra.

Além de defeitos de detalhe, como esse radicalismo escusado do pagamento em terra dos direitos, que daria ao Estado glebas que pela sua dispersão atrazariam e complicariam a execução do plano geral, como a emissão do requisito de serem terrenos incultos, os exactos propriados e mesmo os outros, sendo dificil de prever que, fora desse caso, a colonisação representasse sensivel valorisação para esses terrenos, este projecto falha no seu intuito fundamental de colocar no Sul o excesso demogenico do Norte; á parte a resistencia deste a orientar-se para o Sul, dar-se-ia ainda o caso que todas as aldeias a fundar seriam rapidamente absorvidas pela população proletaria do Alemtejo, que por si bastaria a ocupar toda a provincia, suposta dividida em courelas de alguns hectares.

Cair-se-ia, pois, em vez de ser na colonisação, seminario de uma classe de pequenos proprietarios, oriundos do Noroeste, no sindicalismo da partilha dos latifundios pelos que foram seus ganhões e jornaleiros. Socialismo puro, que daria como resultado a continuação da mesma gente sobre a mesma terra, perdidas as vantagens da grande cultura, da maquina, do capital, da direcção, isto é, do latifundio!

Aos mesmos proletarios mais conviria, neste regimen de alta de salarios em que vivemos, as boas jornas que dá o latifundio aos magros lucros de uma pequena courela: esta afirmação paradoxal torna-se uma evidente verdade se *pensarmos* que na sua courela o trabalhador perderia a larga disponibilidade dos pousios que acumulam azote, a benção dos montados que produsem sem despesa, as vantagens do trabalho animal cujo aproveitamento diminuiria e das maquinas que se tornariam inaplicaveis, o que bem legitimam o insignificante lucro relativo do patrão latifundiario; e a experiencia demonstra cada dia a rapida evolução concentradora das courelas em que se dividiram os latifundios de muitas regiões.

A solução fundamental (não digo a unica) do problema, não está em gigantescas emigrações do Noroeste emigrante para o Sul inculto, nem na socialista divisão das herdades pelos proletarios, mas apenas no desenvolvimento de metodos culturais, adoptados ao clima e á terra, que tornem mais abundante e sobretudo mais certa e rendosa a produção com os mesmos elementos existentes; quanto a remodelações sociais do regimen de trabalho, ha apenas a considerar o da generalisação da parceria, da participação dos lucros, como meio de interessar o proletario do latifundio, tornando assim esta forma de propriedade absolutamente inatacavel, porque fica tendo as vantagens da pequena no estimulo do trabalhador e na harmonia deste com o patrão.

Prestamos ao sr. Ezequiel de Campos a homenagem que lhe é devida pela prepagação de semelhante fórma economica, certamente mais exequivel e imediata de que os seus planos propriamente de colonisação em regimen de propriedade perfeita; mas protestemos ao mesmo tempo contra a fórma coactiva com que pretende que o Estado promova a parceria e que tornaria essa politica uma verdadeira expropriação de uma quota parte do direito de propriedade.

A parceria entende-a o sr. Ezequiel de Campos, como um contracto em que os poderes do dono da terra se encontram, penso eu bastante limitados e com o fim de dar ao parceiro uma ilusão muito adeantada de que é proprietario; para mim era mais uma participação de lucres, relativo a uma parte determinada da herdade, mas sem a minima expropriação dos direitos do dono da terra.

Pela parceria se póde tornar a cultura da grande propriedade tanto e mais intensiva que a da pequena; e o aspecto economico-social da herdade alemtejana do futuro pelo menos da herdade exclusivamente lavradia, será o da divisão interior em courelas de algumas dezenas de hectares cada uma das quaes é confiada ao labor de um chefe de familia, bem instalado *em casa áparte* com porta anexa, num alto nivel de vida, e com o salario ideal na participação dos lucros. Naturalmente, o filho-ganhão sucederá ao pae ganhão, numa especie de casal de familia sem propriedade, realizado pelo acordo das classes e o problema social da colocação do excesso demogenico será posto unicamente para os filhos-segundos, a que será preciso abrir profissões uteis no cultivo da terra nacional, nas Industrias do futuro, na colonização ultramarina.

O conceito do justo salario, segundo a economia integralista, comprehende, alem do reconhecimento ao operario do direito á existencia plena na fórma da saude pelo trabalho, o direito a educar os filhos segundo a sua condição e o direito atribuido ás estirpes que denotam virtudes e economias, de acessão á propriedade. Traduzindo em vulgar esta formula sintetica, basta dizer que numa exploração agricola modelar deve pela grande necessidade social que isso representa, estar assegurada aos filhos dos que trabalham uma colocação de trabalho dando-se mesmo ás familias melhores, que tenham afirmado o seu direito a subirem na gerarquia social, a terra que os eleva, educa e nobilita.

Veremos assim, supondo que a grande propriedade comprehenda o interesse desta orientação, uma classe trabalhadora moralisada e disciplinada pela propriedade, e até melhorada certamente com isto no seu indice da natalidade, o que representa mais braços disponiveis de futuro.

Desta classe de semi-proprietarios, emergeriam pouco a pouco aqueles que pela força dos seus merecimentos, pela economia e pelo trabalho poderiam ir buscar ao movimento geral das vendas rusticas as parcelas de terra com que se completaria a sua independencia economica; percebe-se aqui bem um dos mais certos conceitos que presidem a este assunto da divisão da propriedade: logo que a cultura se intensifique esta faz-se naturalmente, porque a procura dos braços aumenta e as jornas tambem e aparece o *pé de meia*, o *capitalismo* do proletario, que tarde ou cedo se traduz na acquisição da terra. Não ha resistencia do espirito exclusivista do proprietario, quando o antigo proletario lhe oferecer pelo terra muito mais do que o capital do seu rendimento.

Este movimento natural pode ser auxiliado pelo restabelecimento da emfiteuse e da *subemfiteuse* e *tutelado por esse* admiravel instituição do *casal de familia*, que é das mais importantes reivindicações do integralismo.

Se discutirmos a utilidade social deste movimento de desintegração, diremos que tão cedo certamente no Alemtejo ele se não tornará excessivo, e que bem poderiamos talvez cantonar a pequena propriedade em especialidades culturais em que poderia manifestar-se superior á tecnica da grande propriedade, mesmo industrializada e transformada pela parceria como eu a entendo.

Desta sorte, acautelariamos primeiro o dominio florestal, exceptuando-o da alçada da pequena propriedade, para o qual ela é bem incompetente, evitariamos certos defeitos de orientação cultural, como a pratica excessiva da viticultura, para que ela tem grandes tendencias e finalmente atribuir-lhe-iamos a cultura de terrenos pedregosos e muito inclinados em que a grande propriedade, pela impossibilidade de mecanica, é certamente inferior.

Ha ainda metodos modernissimos de cultura (o que eu chamaria a cultura super-intensiva), como os metodos de transplantação nos cereais, certos processos de cultura da batata para formidaveis rendimentos, que seria possivel saber atribuir á pequena propriedade.

* * *

Não são palavras de interessada defesa que me ditam a minha qualidade de latifundiario alemtejano as que acima alinhei contra a tese do povoamento do Alemtejo pela plantação de gente do Noroeste em casais autonomos, numa gigantesca empreitada do Estado. Ao dono da terra conviria essa rapida importação de mais braços e de mais bocas que, aumentando a procura da terra e dos seus produtos, certamente o enriqueceria sem canseiras. Mas na verdade, tão ligado ele anda ao interesse patriotico, na sua elevada participação na sociedade nacional, que bem lhe assiste o direito de protestar contra um plano cuja revolucionaria realização podia desorganizar, pelo seu insucesso, a economia das regiões a que primeiro se aplicasse.

Ainda razões deste insucesso são em resumo e como disse: 1) Dos casais de colonisação concorreriam em primeiro lugar os trabalhadores alemtejanos, faltando aos empreendimentos de melhoria fundiaria, já solidamente lançados; e em que devemos descansar grandes esperanças, talvez para mais tarde abandonar estes casais, como tem alienado as courelas de muitos baldios partilhados. 2) Taes projectos de colonisação revestem-se de um radicalismo de principios, que poderia exercer nefastos efeitos quando se traduzisse numa precipitada acção governativa. 3) A gente do Norte não se adoptaria facilmente á colonisação na forma de casais independentes, como penso que a propria experiencia do sr. Ezequiel de Campos, perto do Evora, lhe terá mostrado, pois lá lhe deram muito melhor resultado os artifices do que os lavradores, que fugiram, tomados da nostalgia do seu verde Minho.

Por todos estes motivos penso que a colonisação do Alemtejo se fará importando trabalhadores que se hão-de procurar fixar pelo regimen da parceria, como eu a entendo, e aos quais só mais tarde se derá, por uma evolução natural, terra livre.

Será um estagio de aprendizado social e tecnico, que pouco a pouco tornará o colono digno de ser proprietario e competente para ser proprietario nesta região.

Será isto a transformação evolutiva do sistema actual da importação periodica dos *ratinhos*, que se passariam a contratar permanentemente, dando-lhes um lar confortavel e iniciando-os nos trabalhos da lavoure.

Nada impediria de vir buscar ao Norte do seu excesso demogenico, elementos para esta forma de colonisação, que nos seus altos salarios e seguras garantias eles talvez preferissem á propriedade livre de courelas a arrotelar, em condições tecnicas para eles completamente desconhecidas.

O contrario disto se poderia fazer na America com uma muito mais elevada fixação de terra disponivel e com os elementos de saber e iniciativa que faltam ao emigrante minhoto; entre nós só se poderá fazer em escala bem diminuta, nas zonas mais despovoadas e nos terrenos completamente incultos, exactamente longe dos caminhos e vias ferreas, onde os quer o sr. Ezequiel de Campos, e antevejo sempre o inconveniente de serem os casais constituidos absorvidos pela população local, o que para esses casos não seria, porem, muito grave.

Por aqui se vê que não reprovo a experiencia de colonisação nem mesmo a colonisação por gente do Noroeste; apenas afirmo que este ultimo processo nunca poderá ter a importancia que lhe atribuem e que mesmo a colonisação em geral está num plano secundario *em relação ao que afirmo ser a grande* solução.

E esta reside—convem repeti-lo no momento de terminar esta consideração—na realisação duma forma cultural que fosse, contra todos os defeitos do solo, do clima e da economia, evidentemente rendosa para o individuo e para a grey a na propagação expontanea, dessa formula, certamente complexa, que o Estado competente do integralismo ajudaria, no grau de rapidez que exige a iminencia da nossa ruina, com uma intensa acção de *sesmarias*; no seu aspecto de organisação economica do trabalho essa formula seria: o latifundio industrialisado, corrigidos os seus defeitos pela parceria, ou mais propriamente, a participação de cada ganhão nos lucros de uma determinada parte da herdade que cultivaria e onde teria boa casa, sob a direção do latifundiario corrigido do seu *absentismo*.

José A. P. Rebello.

A reconciliação

Para o Povo ver se os republicanos são ou não são «todos da mesma massa»!

Cada vez mais convencidos de que a aproximação republicana é necessaria, nos precisos termos em que temos procurado defini-la.

«... Essa campanha insidiosa que começou pela tentativa de enganar, intrigar e indispor a Marinha Portuguesa, sempre briosa na defesa da Patria e da Republica, **chegou ao cumulo de insinuar a intervenção extrangeira**, ultima das ignominias a que **só a absoluta falta de patriotismo** pode levar!...

Palavras do sr. *Sidonio Paes*, no dia da sua proclamação.

Jornal da Tarde orgão governamental, em 14 de setembro de 1918.

—Quer dizer:—o orgão governamental deseja a *aproximação* com os homens que o chefe do governo declarou terem **uma absoluta falta de patriotismo!** E depois disto, ainda nos querem fazer crer que *estes* são diferentes dos *outros*!...

Telles de Vasconcelos

Já se encontra á frente do *Liberal* o nosso prezado amigo e ilustre Engenheiro Augusto Telles de Vasconcelos. A *Monarquia* dá-lhe as bôas vindas com a estima e o apreço de sempre.

"A sonambula,,

Numa elegante edição acaba a ilustre escritora senhora D. Mecia Mousinho de Albuquerque de publicar um ramalhete de nove interessantissimos contos. Dá o titulo ao volume o primeiro conto. A sua leitura é desenfadada e por vezes cheia de imprevistos que prendem. Livro ligeiro, é um livro de praia, é um livro para a estação. Confirma com ele a senhora D. Mecia Mousinho de Albuquerque os seus merecimentos literarios, ficando nós, profundamente agradecidos á sua gentileza pelo exemplar que nos ofereceu.

Um exemplo!

Tambem o nosso presado colega «O Dia» teve a gentileza de transcrever uma grande parte deste magnifico editorial do nosso querido amigo e colaborador sr. Eduardo Luiz Pinto da Cunha.

Agradecemos.

COMENTARIOS

A ferros!

Ao que dizem os jornaes, vamos brevemente ter moedas de ferro em Portugal. Ferros «curtos», «conpridos» e «para cavalo», isto é de 10, 20 e 40 réis. O que dará mais uma rasão á frase: «A vida é uma tourada onde os mais tesos é que pegam!...»

A reconciliação...

Da *Ofelia*:

A intransigencia dos republicanos constitucionaes é legitima, natural.

Mas, o que não é «natural» é um governo que subiu ao poder devido ao odio que o pais votava aos democraticos, ir oferecer a partilha da governação a esses mesmos democraticos, depois de os ter acusado publicamente dos maiores crimes e vergonhas!

Isso é que não é «natural»—é muito menos... «serio!...»

Pelo contrario!...

Affirmam os jornaes partidarios da reconciliação da tropa fandanga republicana que aos monarquicos não convem uma tal aproximação.

Pelo contrario! Isso serviria apenas para provar «mais uma vez» que falamos verdade quando dizemos que os republicanos são «todos eguaes»!...

Tragedia

A *Republica* já chama «tragedia» á «libertação» do povo russo! Mas «tragedia» que eles aplaudiram com o melhor dos seus tropos...

—E' que não esperavam... o desenlace!

Até na instrução!

Da *Opinião*:

«As coisas mudaram, mas devemos confessar que na monarquia a instrução era mais barata».

Não ainda havemos de os ver confessar que a Monarquia era «em tudo» superior a essa «balburdia» que para ai está e daremos em seguida um viva á Republica! Olé, se havemos!...

Mais!

Ainda da *Opinião*:

«Devemos dizer que a Republica só tem agravado as questões de instrução e penoso é confessar, quando tanto se falou do analfabetismo em comicios e na propaganda, que agora se torna cada dia mais dificil a instrução.»

.....

«Não são mais analfabetos os que não sabem ler, do que os que legislam, só agravando a instrução como desde 1910, se tem feito. Já deixava muito a desejar nesse ponto, a monarquia, mas a republica não lhe fica atraz, até segue bem pelor.»

—E depois disto—Viva a Republica, não é verdade?...

Quem semeia vento...

«O Mundo» queixa-se de que projectaram assaltá-lo, bem como a mais dois jornais da sua grei.

E' que a sua propaganda a favor da «justiça popular» creou muitos proselitos!...

Para que?...

«Recordar a historia do «Mundo» para quê?»—pergunta em fundo o dito.

Realmente, de que serve estar a lembrar «coisas tristes»?...

Confissão

«O Mundo» confessa que foi preciso vir a Republica para ser assaltado.

Já vê que a Monarquia não era tão má como a pintave!...

Uma verdade!

Do «Torchon» luso:

«As ideias não morrem a tiros de espingarda, nem a golpes de navalha, nem a gestos de gaiola. Revivem sempre, quando as anima uma grande justiça.

E' bem verdade o que diz o «O Mundo»! E é por isso mesmo que, perseguida a tiro pelos governos da republica, martirisados ao maximo, os seus defensores, a Ideia Monarquica triunfará para bem deste pobre povo que numa hora *infeliz* a esqueceu!...

De pé

Os do «Mundo» affirmam que estão sempre «de pés» Aquilo é certamente pisada ao Zé do Vale que «de pé» só póde andar... encostado ás paredes!...

Com sumo...

«O Comercio do Porto» chama ás cadernetas da ração «cartas com sumo».

O que é certo é que se «escorre» o dinheiro do custo e, quando se vae á mercearia já não ha os generos a que ela se refere.

Por isso não admira que elas sejam «com sumo»! E tudo a «escorrer» a elas não deitam nada!...

A paz!

Segundo dizem os telegramas, parece ter o governo austriaco proposto a realisação num paiz neutro duma reunião para se discutirem as condições da Paz.

Virá em breve a pomba pacifista de ramo de oliveira no bico pousar sobre este continente afogado em sangue?

Quer-nos parecer que será demasiado optimismo!...

Em todo o caso... pode ser que se aproxime esse momento!

Humanitarismo...

Parece quasi certo que os «humanitarios sovietistas» russos assassinaram a tzarina e as suas filhas.

Não contentes com o sangue do tzar e do seu herdeiro, as bestas quizeram tambem saciar-se no sangue dessas pobres mulheres que um destino cruel fez princezas dum paiz que já não passa duma enorme fornalha! Como o mundo deve pensar no que o espera no dia em que puderem triunfar esses idealistas pregoeiros da «bondade humana» e da sociedade das Nações!...

PORTUGUESES!

Os prisioneiros de guerra passam privações

Enviai á Junta Patriotica do Norte—Paços do Concelho—Porto—generos ou roupa, que esta os fará chegar ao seu destino.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

São bastante sintomaticas estas palavras do Ministro da guerra inglês, que recortamos do «Temps»:

«Lord Milner concluiu que é de uma importancia vital para todos os beligerantes aliados concluir a guerra o mais rapidamente possivel afim de que se possa contar com recursos suficentes para a obra de reconstituição.»

Por seu lado, o chanceler alemão, conde Hertling, tambem fez declarações que os jornaes reproduzem, de que a paz virá mais cedo do que muitos julgam.

O que haverá de verdade nestas palavras dos dois notaveis homens de Estado?

Um simples desejo do Ministro da guerra inglês?

Palavras «para animar» os seus compatriotas do chanceler Hertling?

Tudo pode ser... mas não será mau raciocinar um pouco.

«Terminar a guerra em breve»—diz Lord Milner. Mas como? Certamente numa victoria absoluta e decisiva para as armas aliadas.

Será tal coisa possivel neste fim de verão de 1918?

Duvidamos.

Foram brilhantes os triunfos de Foch, sem duvida, na frente ocidental, mas ainda para o que falta conseguir—quer dizer, para forçar o adversario á franca retirada para além do Rheno, é pouco.

Certamente ninguem acreditará a possibilidade de os alemães serem forçados a evacuar o nordeste da França, toda a Belgica e o Luxemburgo no curto praso dum mez...

Por outro lado, o que pretenderá significar Hertling com as suas enigmaticas palavras: «a paz para breve». Como?

Não é crivel que em meia duzia de dias os Centraes estejam, após uma laboriosa e tenaz retirada, em estado de contra-atacar os exercitos de Foch. A paz, pois, pela capitulação completa perante a ameaça da acção «yankee», que por ora apenas se esboça?

Não é provavel que Hertling fosse avançar taes ideias, pelo menos em publico...

Portanto, a não ser que se trate de simples palavras sem o mais livre alcance politico, só se pode concluir que por detraz da cortina ou nos bastidores «alguma coisa se esteja passando»...

O que será?

Pela nossa parte, com a falta de elementos que todos temos para ajuizar do que se passa nos campos de batalha e nos recantos das chancelarias—francamente ainda nos parece cedo para ir colher o ramo «simbolicamente pacificador de oliveira».

Pelo contrario: tudo quanto nos chega aos leigos ouvidos conduz a «pelo menos», mais dois anos de guerra.

Mas emfim... «não ha lume sem fogo»...

Quem déra, já, a hora da paz!

Não só porque «é a paz» e porque já vão sendo uma verdadeira «chumbadela» estas cronicas da guerra, mas tambem porque estamos mortinhos por vêr o que dirão os jornaes nos seus relatos do Congresso que ha de traçar o mapa da futura Europa.

Deve ser interessantissimo. Quantas desilusões para muita gente...

15-IX-918.

Saturio Pires.

P. S.—A confirmar as nossas «desconfianças de ontem, este telegrama, que hoje inserem os jornaes da manhã:

«BASILEA, 15.—O governo austriaco endereçou a todos os beligerantes uma proposta convidando-os a reunir em um país neutro, para discutir a paz. O Papa e os países neutros, bem como os aliados da Austria-Hungria estão egualmente ao corrente da «démarche».

Será verdade?

16-IX-919.

S. P.

Misericordia de Elvas

Do nosso presado colega «O Leste»:

«O nosso presado amigo dr. Antonio Sardinha, que tão brilhantemente representa no Parlamento a politica monarquica do circulo de Elvas, obteve do sr. ministro do Trabalho a promessa categorica de um subsidio para aquele estabelecimento de caridade.»

«O Dia» e a Censura

Como o nosso presado colega «O Dia» tivesse recorrido para o sr. Ministro do interior do despacho lançado pelo sr. Antonio Miguel sobre uns cortes feitos pela Censura, a resposta do sr. Tamagnini Barbosa foi substituir a Comissão da Censura, prejudicando assim o recurso que dizia respeito á Comissão demitida.

«O Dia» aprecia nestes termos o acto do sr. Ministro do Interior:

«Não deixa de ser interessante esta «habilidade», que representa, todavia, uma denegação de justiça, coisa que nunca deverá praticar-se e é contra todos os principios.

Apesar do disposto no decreto 4.456, os nomes dos censores de Lisboa nem sequer eram conhecidos. Como pode o sr. secretario d'Estado do interior deixar de julgar um recurso que, nos termos e para os efeitos do mesmo decreto, lhe foi apresentado, só porque substituiu «agora» esses censores?

Não ousou declarar-nos que eles erraram. Porquê?

Ao que nos parece, para não pôr em cheque o sr. governador civil de Lisboa, que havia sancionado, com o seu «placet», o abuso que praticaram.

Mas apontou-lhes o caminho da rua e po-los fóra.

Não foi lega!ista, mas foi justo. Só assim terá a absolvição da sua falta.»

Lêr na 2.ª pagina:

Monarquicos e catolicos; D. João d'Alarcão e outro noticiario.